

Aquisição do tipo silábico CV(r) no português brasileiro

Christina Abreu Gomes*

Resumo

Os Modelos baseados no Uso e na Lingüística Probabilística sugerem que a frequência em que palavras individuais ou grupos de palavras são usados, e a frequência em que padrões estruturais ocorrem numa língua afetam a representação mental. Os modelos também propõem que as palavras no léxico estão organizadas de forma multidimensional em função de similaridades fonéticas e semânticas, e que a representação fonológica contém não só os traços distintivos, mas também os previsíveis e redundantes. Assim, a variação é considerada intrínseca à gramática e à representação. Este artigo refere-se à aquisição da estrutura silábica variável CV(r) em crianças de 2;6 a 5;0, do Rio de Janeiro. A análise mostra que a distribuição das frequências das variantes é um reflexo da variação estruturada, observada na comunidade de fala, e do estabelecimento de diferentes esquemas representacionais em função da classe morfológica e da posição da sílaba na palavra.

Palavras-chave: Tipo silábico CV(r); Variação; Mudança; Aquisição; Fonologia; Léxico.

A análise apresentada neste artigo¹ se fundamenta em três pressupostos teóricos principais: o de que a variação lingüística é inerente ao sistema, conforme postulado no modelo variacionista laboviano (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968); o de que a variação inerente é também parte do processo de aquisição (cf. CHAMBERS, 1995; ROBERTS, 2002), e, por fim, o de que a variação está representada na gramática, conforme postulado nos modelos da Lingüística Probabilística (cf. PIERREHUMBERT, 1994) e nos modelos baseados no uso (cf. BYBEE, 2001).

* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹ Essa pesquisa é financiada pelo CNPq, processo n. 307.767/2004-3.

O foco de estudo é a aquisição da estrutura silábica com (r) em coda – CV(r), que se realiza variavelmente na comunidade de fala aqui estudada, o dialeto urbano da cidade do Rio de Janeiro, tanto na posição final de sílaba de itens verbais e nominais, quanto em sílaba interna, como, por exemplo, em ama[h] ~ amaØ (*amar*), canto[h] ~ cantoØ (*cantor*), ce[h]veja ~ ceØveja (*cerveja*).

Diversos trabalhos realizados a partir do final da década de 1970, utilizando o modelo variacionista clássico de Labov (1972), exploraram o caráter variável de realização dessa estrutura, buscando as correlações estruturais e não-estruturais, para descrever e explicar a ocorrência da presença *versus* a ausência do (r), em diversos dialetos do português brasileiro (PB), dentre os quais, Votre (1978); Oliveira (1983); Callou, Leite e Moraes (1997); Monaretto (2000), dentre outros. Mais recentemente, Da Hora e Monaretto (2003) revisitaram o fenômeno, com dados do dialeto paraibano, conjugando variação e teoria fonológica não-linear (geometria de traços e fonologia lexical).

O estudo apresentado neste artigo teve como objetivos analisar as ocorrências de CV(r) no período aquisitivo, bem como discutir o caráter da variação na representação mental que as crianças estão construindo no processo aquisitivo, à luz das proposições teóricas referidas acima e dos achados dos trabalhos clássicos sobre o (r) em coda, no português brasileiro.

A VARIAÇÃO NA FONOLOGIA DE USO

A aquisição da variação estruturada em crianças no período anterior ao da adolescência é um tópico apenas recentemente explorado, através do estudo de processos fonológicos e sintáticos variáveis da comunidade de fala, no período aquisitivo (cf. FOULKES *et al.*, 1999, 2002; ROBERTS, 1996; ROBERTS, 2002; SMITH; STEELE, 2003). Segundo Docherty *et al.* (2002, p. 3), não há razão para estabelecer, do ponto de vista da aquisição, uma dicotomia entre variação socialmente estruturada e a variabilidade fonológica condicionada. No processo de aquisição, as crianças estarão não só adquirindo conhecimento sobre o contraste lexical, mas também os mecanismos de produção que os tornam membros de uma determinada comunidade de fala, em termos sociais e regionais, pois que estão adquirindo um socioleto e um sotaque.

O estudo da aquisição de padrões fonológicos variáveis pressupõe a conjugação de questões relativas à aquisição, à teoria fonológica e à variação lingüística propriamente dita. Optamos por analisar os dados variáveis coletados na amostra de aquisição, a partir de um conjunto de pressupostos teóricos estabelecidos no âmbito dos modelos da Lingüística Probabilística e da Fonologia de Uso.

De acordo com esses modelos, cujos pressupostos estão apresentados em Bybee (2001, 2002), Pierrehumbert (2001, 2003), o léxico é organizado (não se trata de uma lista) em redes de conexões lexicais, em função de similaridades fonéticas e semânticas, não havendo, pois, separação entre léxico e fonologia, de um lado, e nem entre fonologia e fonética, de outro. A representação lingüística está intimamente ligada ao uso. As generalizações de padrões fonéticos são abstraídas dos itens lexicais estocados. Depreendem-se, assim, generalizações fonológicas (traços, segmentos, sílaba, pé métrico, etc.) e morfológicas (padrões flexionais, *continuum* de regularidade, morfemas derivacionais, etc.) sobre padrões no léxico, e não diretamente das ocorrências de uso. Nesse sentido, diz-se que a estrutura é emergente, isto é, emerge das relações de similaridade estabelecidas no léxico.

Do mesmo modo, a frequência tem papel na organização interna do léxico, com reflexos na percepção, produção e na mudança. Por exemplo, a frequência com que um tipo estrutural (*type frequency*) ocorre no léxico dá conta de sua produtividade. A frequência de uso (*token frequency*) de uma unidade, em geral, dos itens lexicais, tem conseqüências em sua representação mental. A variação fonológica é concebida como intrínseca ao sistema e, não, marginal, sendo capturada através da relação entre os itens lexicais estocados.

Nos modelos clássicos desenvolvidos na fonologia linear e auto-segmental, a distância entre representação abstrata e realização fonética é mapeada por regras ou restrições, segundo mostrado por Cristófar-Silva e Gomes (2004). No modelo da Fonologia de Uso, as “regras” são substituídas por esquemas, que se constituem em padrões organizacionais do léxico e não têm existência independente das unidades lexicais das quais emergem, diferentemente, pois, das regras que têm existência independente em relação às formas a que se aplicam. Os esquemas são afetados pelo número de itens que dele participam, ao passo que as regras aplicam-se independentemente da quantidade de itens aos quais se aplicam. Na proposta da fonologia derivacional, as regras são discretas, uma forma está ou não de acordo com a configuração da regra ou restrição. Já na Fonologia de Uso, as categorias são gradientes, uma vez que determinados tipos estruturais (*types*) podem estar próximos ou afastados dos melhores exemplares da categoria (cf. BYBEE, 2001, p. 26-28).

A proposta de estruturação do léxico em redes baseia-se na Teoria de Exemplos, que, introduzida, primeiramente, na Psicologia, como modelo de percepção e categorização, foi estendida, posteriormente, aos sons da fala por Johnson (1997). No modelo de exemplares, cada categoria é representada na memória por uma nuvem de memorizações da categoria. Segundo Pierrehumbert (2001, p. 142), essas memorizações são organizadas num mapa cognitivo. Assim, memórias de instâncias semelhantes estão próximas umas das outras, e memórias de ins-

tâncias diferentes estão distantes entre si. As ocorrências memorizadas exibem um espectro de variação, que se mostra nas manifestações físicas da categoria. As mesmas ocorrências memorizadas podem ser submetidas, simultaneamente, a mais de um esquema de categorização. Se cada ocorrência da categoria é memorizada, então as categorias mais freqüentes vão ser representadas por mais ocorrências, e as infreqüentes, por menos.

Contudo, a postulação de que todas as ocorrências são memorizadas coloca um problema: o espaço de memória requerido para a estocagem. A Teoria de Exemplares postula que ocorrências foneticamente semelhantes não processadas na percepção são categorizadas como uma única e mesma ocorrência. Como consequência, um exemplar – que é uma memória perceptual detalhada – não corresponde a uma única experiência perceptual, mas equivale a uma classe de experiências perceptuais. Novas ocorrências serão classificadas de acordo com os exemplares já estocados. A codificação perceptual das novas ocorrências irá localizá-las no espaço paramétrico relevante. A similaridade com outro exemplar memorizado será computada, do mesmo modo que a sua distância do exemplar no espaço paramétrico. Para classificar a nova ocorrência, o rótulo mais provável entre os rótulos da vizinhança é que será computado. Um tamanho fixado de vizinhança em torno da nova ocorrência irá determinar o conjunto de exemplares que influencia a classificação.

Assim, a Teoria de Exemplares pode servir para formalizar o conhecimento fonético detalhado que o falante possui das categorias da sua língua. A aquisição desse conhecimento pode ser entendida como a aquisição de um amplo número de traços de memória de experiências.²

Para Bybee (2001, p. 52), a freqüência com que uma variante particular é ouvida leva-a a ser considerada próxima ao protótipo ou a se constituir no melhor exemplar do esquema. Em segundo lugar, o contexto em que uma determinada variante é ouvida normalmente afeta sua categorização. Finalmente, a representação mental contém consideráveis detalhes sobre as variantes fonéticas, inclu-

² “Exemplar theory provides us with a way to formalize the detailed phonetic knowledge that native speakers have about the categories of their language. Since exemplar theory stores directly the distribution of phonetic parameter values associated with each label, it provides us with a picture of the ‘implicit phonetic knowledge of the speaker’. The acquisition of this knowledge can be understood simply in terms of the acquisition of a large number of memory traces of experiences. There is no competing model which achieves the same level of descriptive adequacy. Notably, the assumption that there exists a universal symbolic alphabet which provides an interface to a universal sensorimotor phonetic implementation component (as in Chomsky and Halle, 1968; Chomsky and Lasnik, 1995) provides no means of representing the extremely fine differences across languages in values and probability distributions of phonetic properties. Therefore, it yields no insight into how the knowledge of such details might be acquired” (PIERREHUMBERT, 2001, p. 143).

do a especificação dos múltiplos traços acústicos e, não somente, aqueles determinados pelo contraste fonológico.

A VARIAÇÃO DO (R) EM CODA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os trabalhos de cunho sociolinguístico que trataram da realização variável do (r) em final de sílaba adotaram a posição clássica, corrente nos trabalhos variacionistas, de estabelecer uma representação única abstrata, realizada, variavelmente, com ou sem a consoante em coda, embora haja diferenças entre as diversas propostas. Todos os trabalhos mostraram que a ausência de (r) em sílaba interna é menos freqüente que em final de palavra. Há registros históricos que indicam que o cancelamento verificado em lexemas verbais é o mais antigo, datando do português arcaico, segundo mostrado por Teyssier (1959, p. 231-237), citado por Oliveira (1997, p. 39).

Votre (1978) considera uma regra de retenção do (r) em final de palavra, ao passo que Callou, Leite e Moraes (1997) e Da Hora e Monaretto (2003) tratam a variação na realização de /r/ como um caso de apagamento, preferindo investigar, separadamente, os casos de cancelamento do /r/ em sílaba interna, dos casos de apagamento em final de palavra. Em relação ao contexto de sílaba posicionada em final de palavra, esses autores analisam, conjuntamente, as ocorrências, independentemente de sua classe gramatical.

No estudo realizado por Votre (1978), que enfoca o dialeto carioca, numa análise conjunta de nomes e verbos, o condicionamento fonético de realização do (r) indica um desfavorecimento maior quando ele vem seguido de vogais; um efeito desfavorecedor fraco, quando seguido de consoante, e um favorecimento, quando seguido de pausa. Quanto à atuação da variável “dimensão do vocábulo”, observou-se que a retenção é ligeiramente favorecida em vocábulos monossilábicos (.54).

Quanto a Callou *et al.* (1997), procuraram observar as ocorrências de /r/, em posição final de palavra e em sílaba interna, na língua culta usada por informantes de nível universitário, nas capitais integrantes do Projeto NURC, quais sejam, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Os resultados encontrados indicaram uma tendência de maior supressão em posição final (37%) que interna (3%), predominância diferenciada dos alofones de /r/, nas diferentes capitais, onde se tem o seguinte: fricativa velar, em Salvador e no Rio de Janeiro, vibrante alveolar, em Porto Alegre e São Paulo, aspirada, em Recife. Levando em conta a posição em que esses alofones costumam ocorrer, eles chegaram aos seguintes resultados: a fricativa velar é mais freqüente em posição interna (37%)

que em posição final (11%); a fricativa glotal aparece em posição interna, em 18% das ocorrências e, em posição final, em 8% delas.

Da Hora e Monaretto (2003) analisaram dados do dialeto da cidade de João Pessoa com base em amostra constituída por falantes, cuja escolarização varia de 0 ano a + de 11 anos de escolarização. Os resultados desse estudo mostraram que o cancelamento em posição interna é condicionado pelas variáveis contexto fonológico seguinte, sexo e faixa etária. Com relação ao condicionamento estrutural, perceberam que a consoante em coda é realizada categoricamente, quando seguida de consoante diferente de fricativa e tende a ser cancelada, quando seguida de fricativa. Já em posição final de palavra, o apagamento é correlacionado à categoria gramatical – maior taxa de cancelamento em substantivos, adjetivos e verbos –; ao contexto fonológico seguinte – tendência ao cancelamento, quando seguido de vogal –; à tonicidade da sílaba – apagamento mais freqüente nas sílabas tônicas –; ao grau de escolaridade – tendência maior de cancelamento nos casos de escolaridade zero e, depois, nos casos de escolaridade por cinco a oito anos – e, finalmente, à faixa etária, que se constitui numa variação estável.

O favorecimento das fricativas ao cancelamento de /r/, no interior de palavra, é explicado em função da geometria de traços, segundo a qual, os segmentos que ocupam a coda e o *onset* ('contexto seguinte') compartilham a mesma característica em relação ao traço de cavidade oral [+cont], ao passo que a presença de dois segmentos idênticos provoca a eliminação de um deles através do desligamento do traço [contínuo] da consoante em coda.

Oliveira (1983), em estudo sobre a comunidade de fala de Belo Horizonte, em relação ao (r) em final de palavra, analisou separadamente as duas categorias morfológicas (verbos e nominais) e identificou que a ausência da consoante em verbos é quase categórica em qualquer ambiente fonético considerado. Os valores de freqüência vão de 95% a 100%. Os resultados de significância dos grupos de fatores indicaram o papel significativo do segmento seguinte na seguinte escala: p > vogal > l > m > b (fatores com resultado acima de .50). Em função da evidência estilística, contexto formal .38 e informal .62 de ausência de (r) final em verbos, Oliveira (1983) argumenta que os resultados para estilo só fazem sentido se forem interpretados como caso de inserção e não de cancelamento. Em outras palavras, sendo o cancelamento do -r, em verbos, semi-categórico, não se esperava o efeito de estilo. Mas ele faz sentido se interpretado como inserção, uma vez que a inserção não seria natural e teria maior probabilidade de ocorrer em contextos mais formais. No trabalho desse autor, a realização variável do (r) final de nominais, tratada como cancelamento, é condicionada pelo contexto fonológico seguinte (consoantes obstruintes sonoras, laterais e vogais como contextos mais favorecedores), tonicidade e número de sílabas (favorecido em síla-

bas átonas e desfavorecido em monossílabos) e em função da subclasse de nominais (mais freqüente no sufixo –dor). Com relação ao cancelamento no interior do vocábulo, há favorecimento do cancelamento em sílabas tônicas, vogal alta precedente, seguido de obstruinte sonora e fricativas.

Mais recentemente, Oliveira (1997) reanalisou o cancelamento do (r) em final de sílaba de nominais, sob a ótica da difusão lexical, focalizando o papel do item lexical e do indivíduo no entendimento do processo. Seu objetivo era mostrar que o item lexical, e não o som, é a unidade de implementação de processos sonoros, e que o contexto fonético atua *a posteriori*, “fixando relações harmônicas ente os elementos envolvidos (...), e não *a priori*, como condicionador/disparador de uma mudança” (OLIVEIRA, 1997, p. 34). Os dados do dialeto de Belo Horizonte revelam um comportamento diferenciado quanto ao cancelamento em relação ao item lexical (há itens mais atingidos que outros) e ainda mostram que indivíduos que pertencem ao mesmo grupo social podem ter comportamentos também distintos em relação aos índices de realização e ausência da consoante.

A posição de Oliveira, de separação de nominais e verbos no tratamento da variação do (r) em final de sílaba, parece a mais acertada, não só em função dos resultados do seu estudo, mas da tendência apontada nos outros trabalhos de que há mais ausência de (r) em verbos que em nominais. Além disso, conforme poderá ser observado nos dados de produção das crianças na seção a seguir, é pertinente considerar a ausência de consoante em coda em verbos como possibilidade de representação mental dessa estrutura. Quanto à discussão entre os modelos neogramático e difusionista para processos fonológicos, que, na verdade, se assenta numa perspectiva de representação única dos itens lexicais, parece-nos que é melhor capturada dentro do modelo apresentado na segunda seção acima, uma vez que as relações entre item lexical e segmentos sonoros são gerenciadas no léxico e não há separação entre léxico e componente fonológico.

ANÁLISE DOS DADOS DE AQUISIÇÃO

De acordo com os pressupostos teóricos apresentados anteriormente, postulamos que a variação observada para o (r) em coda, no português, está representada no léxico no que diz respeito às diversas realizações fonéticas encontradas na comunidade. Assim, as variantes observadas na produção não são resultantes da aplicação de um processo de cancelamento, retenção ou inserção de um segmento subjacente, mas estão armazenadas no léxico. Então, a estocagem de palavras com a estrutura silábica em questão constitui-se de um conjunto maior de exemplares formado das variantes mais freqüentes, e um conjunto menor de exem-

plares, das variantes menos freqüentes, também distribuídos em função dos contextos de ocorrência (cf. BYBEE, 2001, p. 141).

As ocorrências aqui examinadas foram classificadas em função da realização ou da ausência da consoante em coda,³ e agrupadas em função do contexto da sílaba no vocábulo, bem como da classe gramatical, no caso do (r) em final de palavra.⁴ Esses dados foram coletados de uma amostra piloto, gravada em 2002/2003, que serviu de base para a elaboração da Amostra para estudo da Aquisição da Variação Estruturada (Amostra AQUIVAR/PEUL), que se acha ainda andamento. De caráter transversal, essa amostra teve como informantes 8 crianças, assim distribuídas por idade: 2;6 (Dud e Lulu); 3;0 (Aga); 4;0 (Isa e Dora) e 5;0 (Mat, Malu, May). Como se pode ver, do modo como está constituída, ela não serve para nos dar uma visão da aquisição em termos de desenvolvimento gradual.

A Tabela 1 nos mostra a distribuição das ocorrências para o (r) final em itens verbais, em função da idade das crianças e dos itens coletados das entrevistas.⁵ Optamos por focalizar a realização da consoante em coda.

Os percentuais de ocorrência da consoante para cada faixa etária, além de semelhantes, indicam que a variante com ausência da consoante na sílaba é o melhor exemplar da estrutura da sílaba final de verbos no infinitivo (e de *quer*) em todas as idades da amostra. Em termos aquisitivos, para as crianças mais velhas, a variante mais freqüente continua sendo a mesma que predomina no início da aquisição. Como hipóteses explicativas, podemos aventar que, com o passar do tempo, as crianças vão incorporando novos exemplares, que são classificados como tendo a sílaba final terminada em uma vogal tônica. Dentro do modelo, as diversas possibilidades fonéticas da consoante realizada também fazem parte do armazenamento e, nesse caso, constituem um conjunto menor de exemplares. No entanto, eles não serão analisadas neste trabalho, em função do número reduzido de dados. Certamente, a investigação de crianças de faixa etária acima da que compõe a presente amostra poderá indicar como se dá esse armazenamento, e se há incorporação de *types* com a consoante em coda, em verbos.

Com relação à incorporação de novos exemplares, é preciso que se esclareça que a amostra piloto contou apenas com uma seção de entrevista com cada criança, e a estrutura silábica em questão não foi controlada em função de nenhum tipo de estratégia (figuras, tópico de conversa, brincadeira, etc.). Além disso, o

³ Os dados coletados foram classificados (presença x ausência) por duas pessoas diferentes. Posteriormente as classificações foram confrontadas, tendo havido 98% de concordância em relação às variantes detectadas. Os casos em que houve discrepância de interpretação foram excluídos da análise. Participaram da coleta e análise dos dados Fernanda Duarte Senna (IC/CNPq) e Mariana Chaves Ruiz Guedes (IC/CNPq/PIBIC-UFRJ).

⁴ Cf. Lamprecht (1991), Teixeira (1988) e Teixeira e Davis (2003) sobre aquisição fonológica no PB.

⁵ Itens em itálico ocorreram em mais de uma entrevista

Tabela 1. Distribuição das ocorrências das realizações de CV(r) final em verbos.

Idade	2;6		3;0		4;0		5;0	
Apl/Total %	0/15 0%		1/44 2%		1/102 1%		2/176 1%	
Itens realizados	botar, lavar, ligar, brincar, pular,		dançar, esquecer, apertar, nanar,		<i>brincar, falar, poder, fazer,</i>		pegar, <i>fazer, pintar, ver, acabar, brincar,</i>	
	coisar cabelo, alisar, dar, dormir, calçar, comprar, andar, quer		passar, comprar, dar, nadar, tirar, andar, fazer, escrever, brincar, rodar, bater, pular, dizer, gritar, sair, falar		correr, pegar, usar, chamar, cozinhar, comprar, pensar, ver, lembrar, arranhar, ser, entregar, entregar, assustar, <i>comer,</i> cheirar, pegar, matar, parar, abrir, passar, lembrar, ir, brincar, <i>ficar,</i> viajar, ganhar, <i>pintar,</i> visitar, jogar, mandar, ouvir		costurar, falar, furar, deitar, andar, tirar, pedir, <i>contar,</i> ganhar, dar, vender, mandar, beber, viajar, chegar, levar, <i>ficar,</i> pegar, abrir, lavar, <i>casar,</i> quiser, cantar, roubar, resistir, <i>quer,</i> lembrar, continuar, voltar	
					contar, pedir, parar, olhar, esperar, fechar, pedir, falar, cansar, ligar, levar, ver, levar, chegar, pular, escutar, gravar		fugir, entrar, <i>ir,</i> borrar, matar, estudar, escrever, vomitar, trabalhar, desenhar, queimar, trazer, ter, cair, guardar, mostrar, botar, cair, manter, quebrar, sair, andar, tomar, ser, <i>bater,</i> dormir	
							passar, d(r)iblar, jogar, assoprar, subir, ouvir, jogar, explodir, aparecer, pegar, crescer	

tempo médio de duração das entrevistas foi de 40 minutos, o que coloca um problema para a quantidade de dados (cf. ROBERTS, 2002, p. 336). Todavia, se analisarmos a proporção em que eles ocorrem em cada faixa etária, para cada contexto analisado (e não em função da quantidade absoluta de ocorrências), mesmo considerando as limitações de obtenção de dados da amostra, podemos interpretá-la como um reflexo da quantidade de exemplares estocados no léxico em cada faixa etária. Portanto, nos três agrupamentos (cf. Tabela 1 e Tabelas 2 e 3, a seguir), a maior proporção de ocorrência dos itens lexicais com a estrutura silábica em foco pode ser um reflexo da proporção em que ocorrem no léxico de cada faixa etária considerada.

Na Tabela 2, são apresentadas as ocorrências de realização do (r) em posição final de palavra, em itens nominais, em função da faixa etária das crianças. Como ainda há poucos dados de crianças mais novas, o cálculo percentual foi ignorado. Comparando as ocorrências das crianças mais velhas, 4;0 e 5;0 anos, com o que pôde ser observado na Tabela 1, percebe-se que houve um acréscimo considerá-

vel de ocorrências com presença da consoante em coda. No entanto, esses percentuais ainda não refletem a distribuição detectada para os adultos da comunidade de fala, no estudo de Callou *et al.* (1997).

Tabela 2. Distribuição das ocorrências das realizações de CV(r) final em nominais.

Idade	2;6	3;0	4;0	5;0
Apl/Total %	0/1	3/5	8/20 40%	13/35 37%
Itens realizados	cor	Mulher, flor, hambúrguer, por (causa)	Qualquer, dever, senhor, melhor, caçador, cor,	Flor, cor, por favor, calor, mulher,
			flor, junior, sabor	Peter Pan, caçador, amor, tricolor, qualquer
				Computador

O número reduzido de dados (55, se somados aos das crianças das duas últimas faixas) não permite uma análise das realizações fonéticas da consoante. Há, também, problemas na distribuição de dados por célula, mesmo se comparados os casos de presença e ausência. Entretanto, é interessante observar que se verifica uma tendência de ocorrência da consoante, quando o contexto seguinte é constituído de vogal (6/11 – 54%) ou pausa (11/24 – 45%), e quando as palavras contêm três sílabas ou mais (5/8 – 63%).

Com relação ao (r) interno, os percentuais observados na Tabela 1 são indicativos de que a produção das crianças reflete a situação observada para o comportamento dessa estrutura, na fala dos indivíduos adultos.⁶ O que se observa é um aumento significativo de realizações da consoante entre as crianças mais velhas da amostra. Se, por um lado, as crianças mais jovens já apresentam a realização da consoante em coda em sílaba interna, por outro, os percentuais dessa realização ainda não refletem a distribuição entre ausência e presença da consoante, tal como observadas na fala dos adultos da comunidade investigada (cf. CALLOU *et al.*, 1997).

Apesar de a distribuição das crianças por faixa etária na amostra piloto não nos permitir perceber a gradualidade da aquisição, é interessante observar que o comportamento das crianças mais jovens – 2;6 e 3;0 anos – é diferente, se consideramos a posição da sílaba na palavra. No caso do (r) final em verbos, a ausência categórica de ocorrências com a realização da consoante não pode ser atribuída apenas a um estágio aquisitivo, uma vez que se observa o mesmo comportamento independentemente da faixa etária da criança. Mas, se comparamos os dados

⁶ Está em andamento estudo sobre as realizações fonéticas identificadas na produção das crianças, com o objetivo de investigar a organização do esquema com as diversas realizações fonéticas da consoante.

de (r) final em nominais e os de (r) interno, podemos constatar que as crianças mais jovens encontram-se em estágios de desenvolvimento diferentes, nos dois tipos de posição da sílaba na palavra.

Vejamos, a Tabela 3:

Tabela 3. Distribuição das ocorrências das realizações de CV(r) no interior de palavra.

Idade	12;6		3;0		4;0		5;0	
Apl/Total %	15/51	29%	8/29	30%	99/103	96%	139/155	90%
Itens realizados	Verde, florzinha, Barbie,		Mordeu, porque, acordado, dormindo, Marcela, arvore, apertar, dorme, hambúrguer, cerveja, pernetta, irmão		Tarzan, corda, caderno, porta, <i>porque</i> , Barbie, perdeu, morde, <i>vermelho</i> , pergunta, ordens, <i>dormiu</i> , envergonhada, dormindo, mordeu, acordou, tarde, perturbando, perdi, carne, <i>verde</i>		Árvore, quarto, Fernando, Fernanda, Darlene, formiga, Aniversário, verdade, Barbie, perto, <i>porque</i> , norte, acertei, vermelhou,	
	Eduarda, formiga, vermelha, lagartixa, perna, Ricardo, short, mordeu				Dormindo, dormia, porquinhos, durmo, borboleta, parque, quarto, arvore, formiga, martelo, corda		Caverna, barco, mergulhando, perguntou, perto, Peter Pan, enforca, mercúrio, ardeu, certo, verdade, Fernandes Pires, perninha, dormindo, morta, acordou, transformou, Marcelo, Marcos, Cartoon, cortou, corpo, florzinha, consertou, força, <i>verde</i> , guardar, perguntou, Bernardo, certinho, corta	
							torço, Norte Shopping, irmão, corto, porquinhos, parque, torneio, artes marciais, Guilherme, gordas, gorda, morto, arma, porta, internet, parte, conversando	

O confronto entre os percentuais registrados nas Tabelas 1, 2 e 3 nos mostra que o tipo silábico CV(r) não pode ser satisfatoriamente analisado, se for tratado como um tipo estrutural isolado dos itens lexicais em que ocorre. Segundo os pressupostos delineados anteriormente, nos modelos baseados no uso e na Linguística Probabilística, a estrutura não tem existência autônoma, em relação às unidades em que ocorre. A diferença das realizações observadas pode ser indica-

tiva de que a produção das crianças reflete a maneira como categorizam esse tipo silábico, em função da classe morfológica e da posição da sílaba na palavra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados aqui expostos nos revelam que, no período aquisitivo, se manifestam as tendências observadas na comunidade de fala, em relação à variação e à mudança lingüística na realização do tipo silábico CV(r).

A análise dos dados coletados na amostra piloto também permitiu a observação de aspectos interessantes da aquisição de uma estrutura variável do português brasileiro, que, naturalmente, precisam ser confirmados com a incorporação de mais dados:

- a) a aquisição da estrutura CV(r) se dá primeiramente em função de itens lexicais que apresentam a sílaba em posição interna;
- b) os percentuais de distribuição das variantes (ausência e presença de (r)) refletem, no caso do (r) em nominais, etapas do processo aquisitivo, e, no caso dos verbos, a incorporação da variante mais freqüente na comunidade de fala;
- c) é importante investigar a composição do léxico que a criança domina na faixa etária em que se encontra e sua relação com a distribuição das variantes.

Abstract

Usage-based models and Probabilistic Linguistics suggest that the frequency in which individual words or sequences of words are used and the frequency in which linguistic patterns occur in a language affect the nature of mental representation. The models also propose that the words in the lexicon are organized multi-dimensionally according to phonetic and semantic similarities and that phonological representation involves contrastive and predictable features. Though linguistic variation is considered intrinsic to the grammar and representation. This paper addresses the acquisition of the variable syllable structure CV(r) by children aged from 2;6 to 5;0, in Rio de Janeiro. The analysis shows different frequency distributions of variants as reflex of the structured variation observed in the speech community and the establishment of different representational schemas according to morphological class and the context of the syllable.

Key words: Syllable structure CV(r); Variation; Change; Acquisition; Phonology; Lexicon.

Referências

- BYBEE, Joan. **Phonology and language use**. New York: Cambridge University Press, 2001.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João A. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1996. v. VI, p. 465-493.
- CHAMBERS, Jack. **Sociolinguistic theory**. Oxford: Blackwell, 1995.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thais; GOMES, Christina A. Representações múltiplas e organização do componente lingüístico. **Revista Forum Lingüístico**. Santa Catarina: Editora UFSC, 2004. (No prelo)
- DA HORA, Dermeval; MONARETTO, Valéria N. Enfraquecimento e apagamento de róticos. In: DA HORA, Dermeval; COLLISCHONN, G. (Org.) **Teoria lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2003. p. 114-143.
- FOULKES, Paul; DOCHERTY, Gerard; WATT, Dominic. Tracking the emergence of structured variation – realization of (t) by Newcastle children. *Leeds Working Papers in Linguistics and Phonetics*, Leeds, n. 7, p. 1-25, 1999.
- FOULKES, Paul; DOCHERTY, Gerard; WATT, Dominic. Phonological variation and change in contemporary spoken British English. Full report to the ESRC, Project R0002-37417, 2002. (Digitado)
- JOHNSON, K. Speech perception without speaker normalization. In: JOHNSON, K; MULLENIX, J. (Org.). **Talker variability in speech processing**. San Diego: San Diego Academic Press, 1997. p. 146-165.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LAMPRECHT, R. R. A teoria da fonologia natural nas pesquisas sobre aquisição da linguagem. **Boletim da ABRALIN**, Brasília, n. 12, p. 129-137, 1991.
- MONARETTO, Valéria N. O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, 2000.
- OLIVEIRA, Marco Antônio. Reanálise de um problema de variação. **Português: Estudos Lingüísticos**, Uberaba, n. 7, p. 23-51, 1983. (Série Estudos)
- OLIVEIRA, Marco Antônio. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 31-58, jul./dez. 1997.
- PIERREHUMBERT, Janet B. Probabilistic phonology: discrimination and robustness. In: BOD, R.; HAY, J.; JANNEDY, S. (Org.). **Probabilistic linguistics**. Cambridge/London: MIT Press, 2003. p. 177-228.
- PIERREHUMBERT, Janet B. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOOPER, Paul. (Org.). **Frequency and emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 137-157.
- PIERREHUMBERT, Janet B. Knowledge of variation. CLS 30, **Papers from Parasession on Variation and Linguistic Theory**, 1994.

ROBERTS, John. Acquisition of variable rules: (-t, -d) deletion and (ing) production in preschool children. Institute for Research in Cognitive Science (IRCS) **Report 96-09**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1996.

ROBERTS, Julie. Child language variation. In: CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 333-348.

SMITH, Jennifer; STEELE, Hazel M. Caregiver, community and child in the acquisition of the variable forms in a Scottish dialect. UKLVC4, Sheffield, 2003.

TEIXEIRA, E. dos R. Processos de simplificação fonológica como parâmetros maturacionais em português. Salvador: UFBA, 1988. (Digitado)

TEIXEIRA, E. dos R. e DAVIS, B. L. Early sound patterns in the speech of two Brazilian Portuguese speakers. **Language and Speech**, v. 45, n. 2, p. 179-204, 2003.

TEYSSIER, Paul. **La langue de Gil Vicente**. Paris: C. Klincksieck, 1959 citado por OLIVEIRA, Marco Antônio. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 31-58, jul./dez. 1997.

VOTRE, Sebastião. **Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro**. 1978. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations of a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). **Directions for historical linguistics: a symposium**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-189.